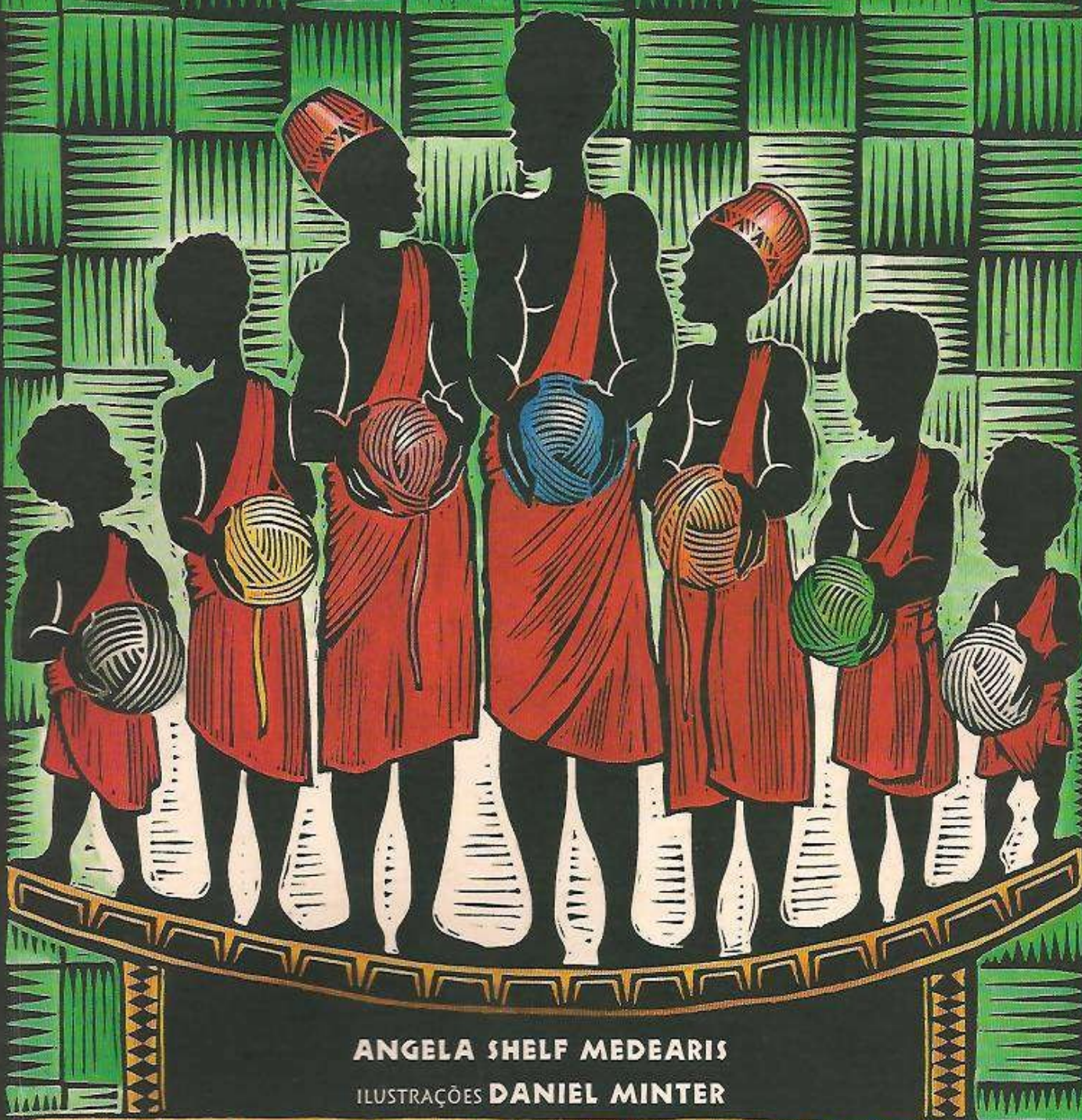


OS SETE NOVELOS

UM CONTO DE KWANZAA



ANGELA SHELF MEDEARIS

ILUSTRAÇÕES DANIEL MINTER

OS SETE NOVELOS

ESTE LIVRO FOI ESCRITO ESPECIALMENTE PARA O KWANZAA, um feriado cultural criado nos Estados Unidos e celebrado por pessoas de ascendência africana no mundo inteiro. Em 1966, o professor universitário Dr. Maulana Karenga criou o Kwanzaa (pronuncia-se **cuanzá**), que significa **primeiros frutos** na língua suaíli, falada em alguns países da África. Ele fundamentou o feriado nos antigos costumes de celebrações durante as colheitas. O Dr. Karenga sentiu que os afro-americanos de sua comunidade precisavam de uma data especial que os fizesse sentir-se orgulhosos de seu passado e que os ajudasse a planejar o futuro.

O Kwanzaa é celebrado de 26 de dezembro a 1º de janeiro. Não é um feriado religioso, tampouco dedicado a alguém. É um período no qual as pessoas de ascendência africana se unem para honrar as heranças e tradições de seus antepassados. Durante a celebração, todos se empenham em trabalhar juntos para se tornarem pessoas melhores e para fazerem de sua comunidade um lugar melhor para viver. O Kwanzaa é uma celebração do passado, do presente e do futuro dos descendentes africanos.

O Dr. Karenga criou símbolos especiais para o Kwanzaa, incluindo frutas e legumes, que relembram as colheitas. Durante os dias do Kwanzaa, sete velas — três vermelhas, uma preta e três verdes — são acesas. Elas representam os Nguzo Saba (pronuncia-se **ingúzo sába**), os **sete princípios**, que devem ser memorizados, debatidos e postos em prática durante os sete dias do Kwanzaa e pelo resto do ano.

Estes são os Nguzo Saba:

UMOJA [UNIDADE] esforçar-se pela união e sua manutenção na família, na comunidade, na nação e no grupo étnico.

KUJICHAGULIA [AUTODETERMINAÇÃO] posicionar-se, designar-se, criar e falar por si mesmo ao invés de outros o posicionarem, designarem, criarem e falarem por você.

UJIMA [TRABALHO COLETIVO E RESPONSABILIDADE] construir e manter nossa comunidade unida, fazer nossos os problemas de nossos irmãos e resolvê-los.

UJAMAA [COOPERAÇÃO ECONÔMICA] construir e conservar em união nossas próprias lojas, centros comerciais, negócios em geral e seus respectivos lucros.

NIA [MOTIVO] fazer de nossa vocação coletiva a construção e o desenvolvimento de nossa comunidade, de forma a restaurar a tradicional grandiosidade de nosso povo.

KUUMBA [CRIATIVIDADE] fazer sempre o máximo possível, do modo possível, para deixar nossa comunidade mais bonita e melhor do que quando a herdamos.

IMANI [FÉ] acreditar de todo coração em nosso povo, em nossos pais, em nossos líderes, na justiça e na vitória de nossa luta.

Os sete princípios dos Nguzo Saba estão camuflados na história dos Sete Novelos. Será que você consegue identificá-los?

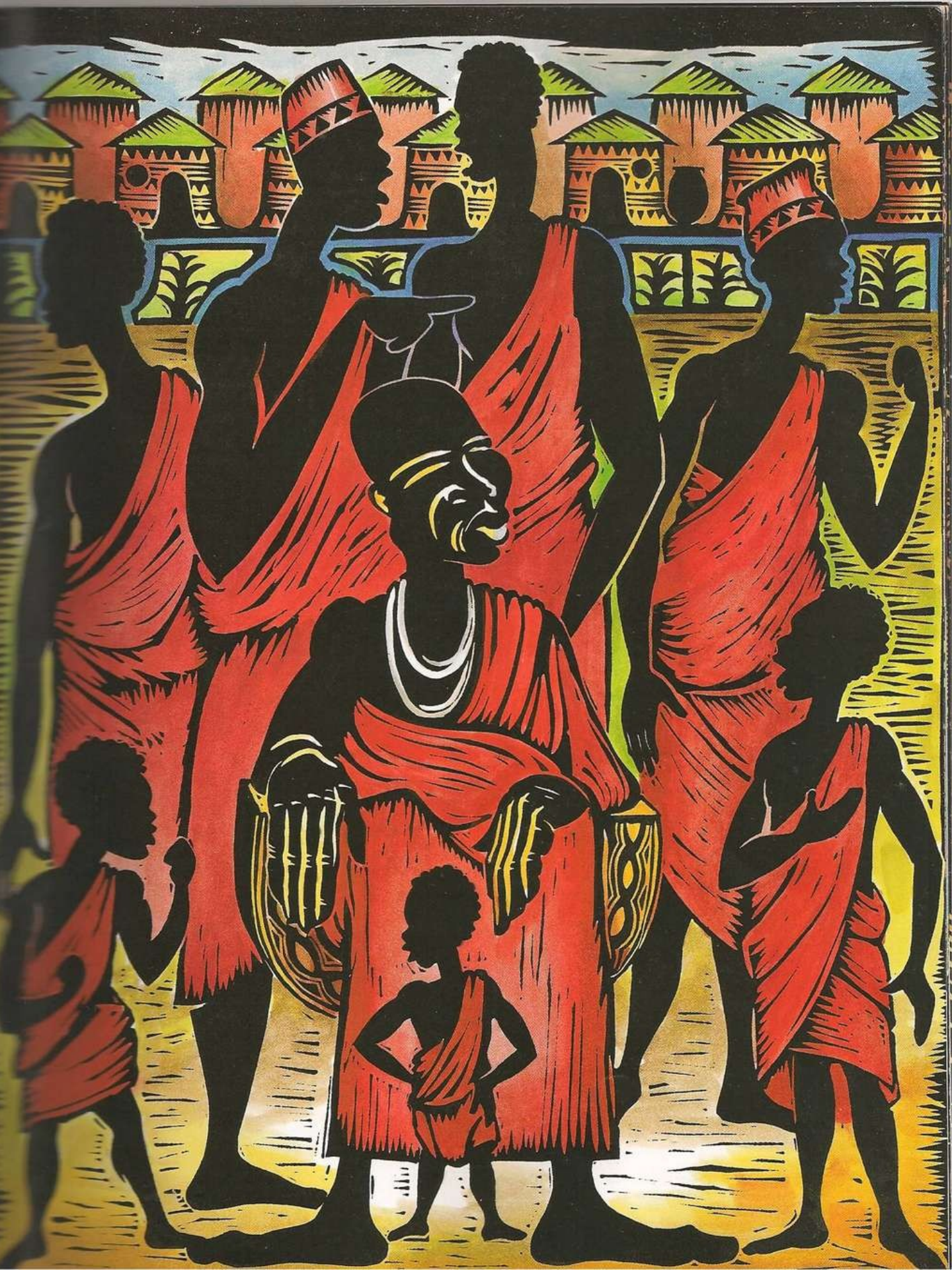
(O feriado afro-americano do Kwanzaa: uma celebração familiar, comunitária e cultural. Maulana Karenga de Los Angeles, University of Sankore Press, 1989.)



NUMA PEQUENA ALDEIA AFRICANA DO país de Gana, viviam um senhor e seus sete filhos. Depois da morte da esposa, o velho homem tornou-se pai e mãe dos garotos. Os sete irmãos eram muito bonitos. A pele deles era tão lisa e escura quanto o ébano mais legítimo. O semblante era tão teso e forte quanto a lança de um guerreiro.

Mas o velho vivia decepcionado com os filhos. Do raiar do sol até a alta noite, a pequena casa da família era preenchida pelo som das discussões entre os irmãos.



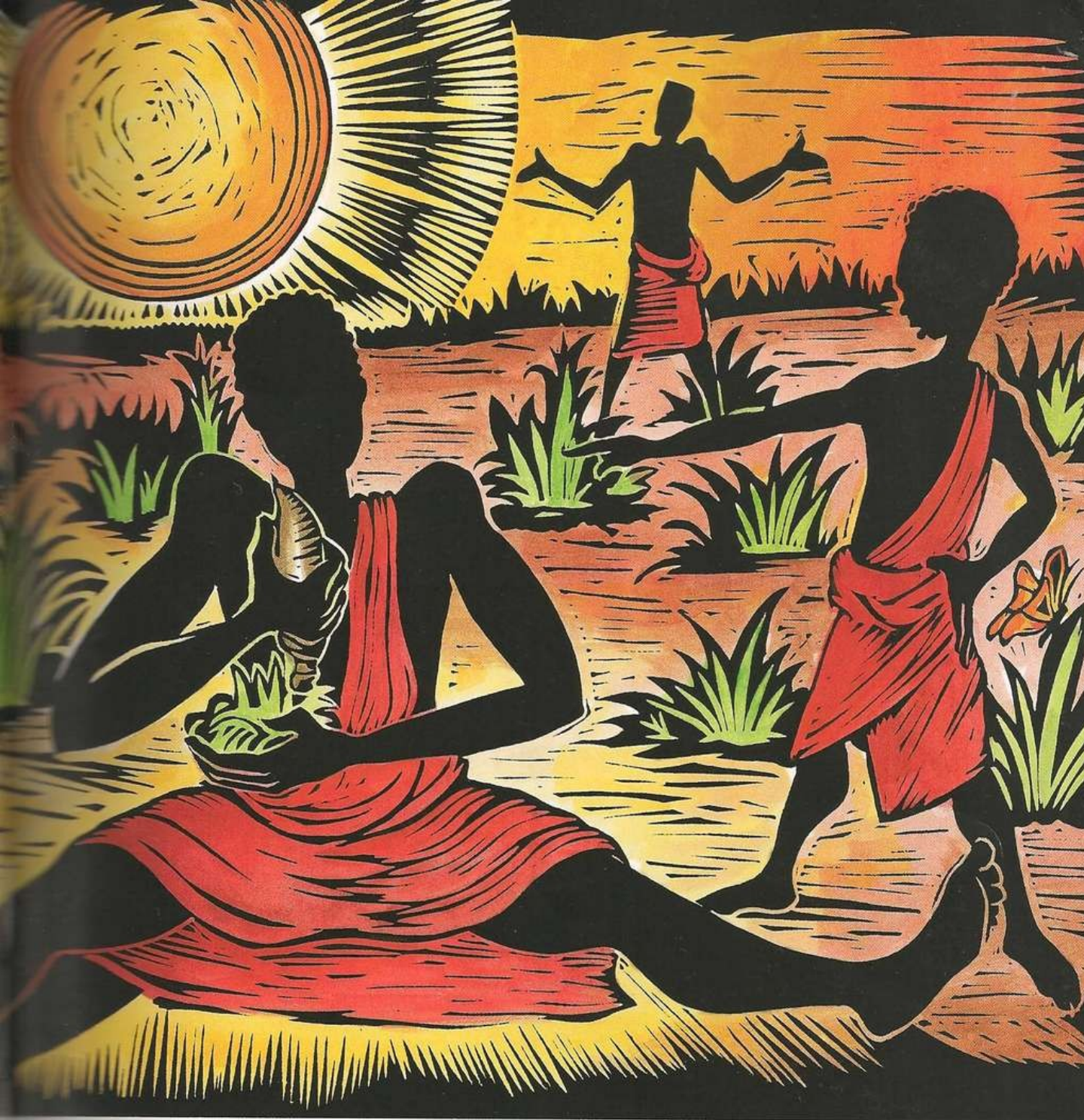




Tão logo o sol raiava, os irmãos começavam a discutir. Eles discutiam a manhã toda sobre como cultivar as plantações. Discutiam a tarde toda sobre o clima.

— Está quente — falava o filho do meio.

— Não, uma brisa suave está soprando — retrucava o segundo filho.



Também discutiam no final da tarde sobre quando voltar para casa.
— Logo vai escurecer — ralhava o mais novo. — Vamos terminar esta fileira e começar uma nova amanhã.
— Mas é muito cedo — observava o terceiro filho.
— Não vê que o sol está se pondo? — berrava o sexto.



E seguia-se essa rotina, até que a lua despontasse e as estrelas brilhassem no céu.

Na hora do jantar, os rapazes discutiam até que o ensopado ficasse frio e o angu estivesse duro.

— Você deu mais para ele do que para mim — choramingava o terceiro filho.

— Eu dividi a comida igualmente — dizia o pai.

— Só isso de comida no meu prato? Vou ficar com fome... — reclamava o mais novo.

— Se você não quer, então me dê! — esbravejava o mais velho, pegando um pouco de carne do prato do irmão.

— Pare de ser tão esfomeado! — falava o mais novo.

E assim prosseguiam noite após noite. Muitas vezes a manhã chegava antes do fim do jantar.







Num triste dia, o velho pai morreu e foi enterrado. Na manhã seguinte, ao alvorecer, o chefe da aldeia do povo axânti convocou os irmãos para uma reunião.

— Seu pai deixou-lhes uma herança — disse o chefe. Os irmãos cochicharam empolgados.

— Sei que meu pai deixou tudo para mim, pois sou o mais velho.

— E eu sei que meu pai deixou tudo para mim, pois sou o filho mais novo.

— Ele deixou tudo para mim — disse o do meio. — Eu era seu filho favorito.

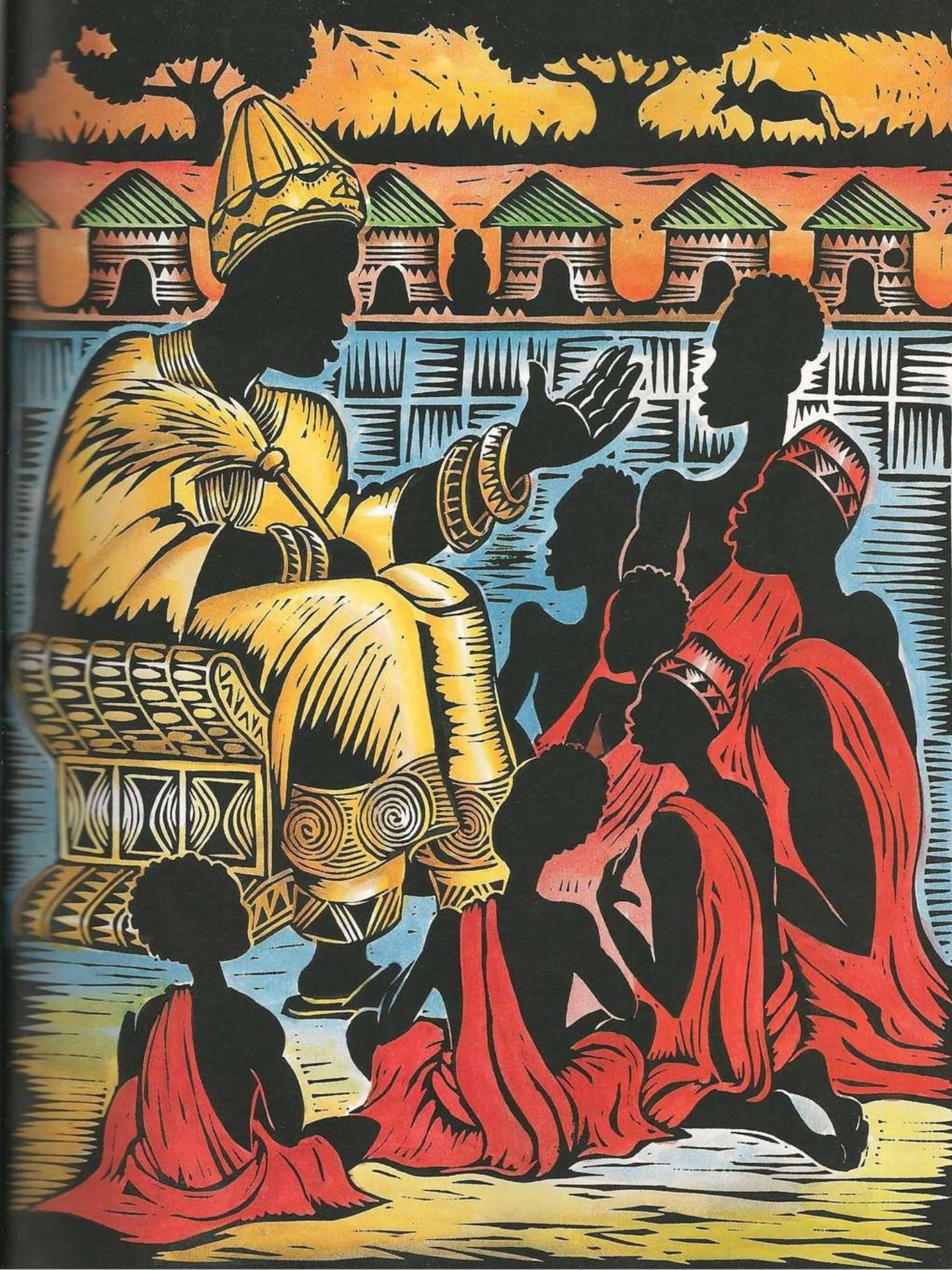
— Eh! — exaltou-se o segundo. — É tudo meu!

Os irmãos começaram a gritar e a empurrar uns aos outros, e logo os sete rolavam no chão, distribuindo socos e pontapés sobre quem estivesse ao seu alcance.

— Parem com isso agora! — gritou o chefe.

Então os rapazes pararam de brigar. Sacudiram a poeira de suas roupas e sentaram-se diante do chefe, olhando-se ressabiados.







— O pai de vocês decretou que todas as suas posses e propriedades serão divididas igualmente — disse o chefe. — Mas, primeiro, vocês terão de aprender a fazer ouro com estes novelos de fios de seda até que a lua surja na noite. Caso contrário, serão expulsos de casa como mendigos.

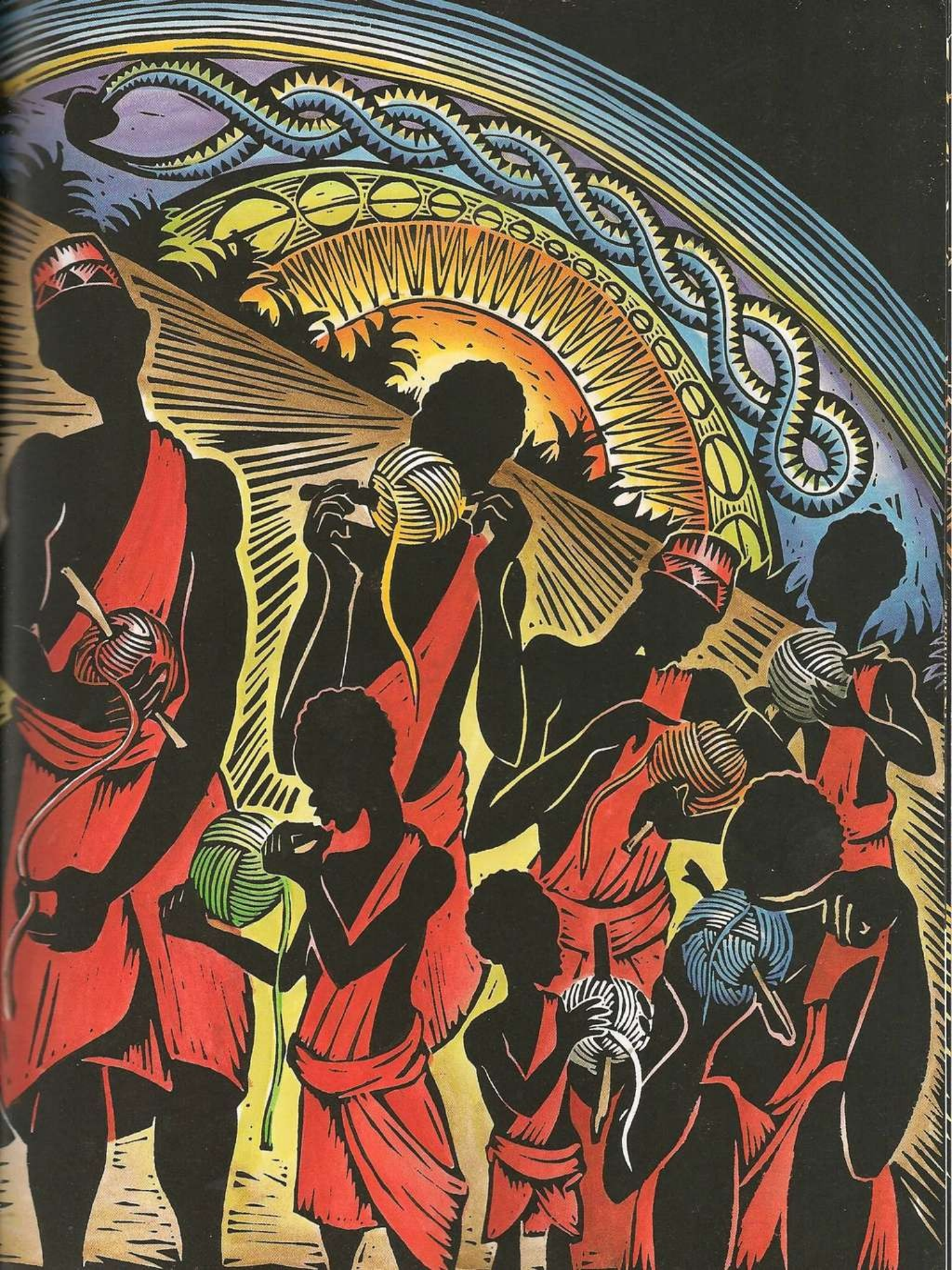
O irmão mais velho recebeu um novelo azul. O segundo, um vermelho. O seguinte, um novelo amarelo. Ao irmão do meio foi dado um novelo laranja; ao outro, verde; o próximo recebeu um novelo preto e o caçula ganhou um novelo branco. Pela primeira vez, os irmãos ficaram quietos.

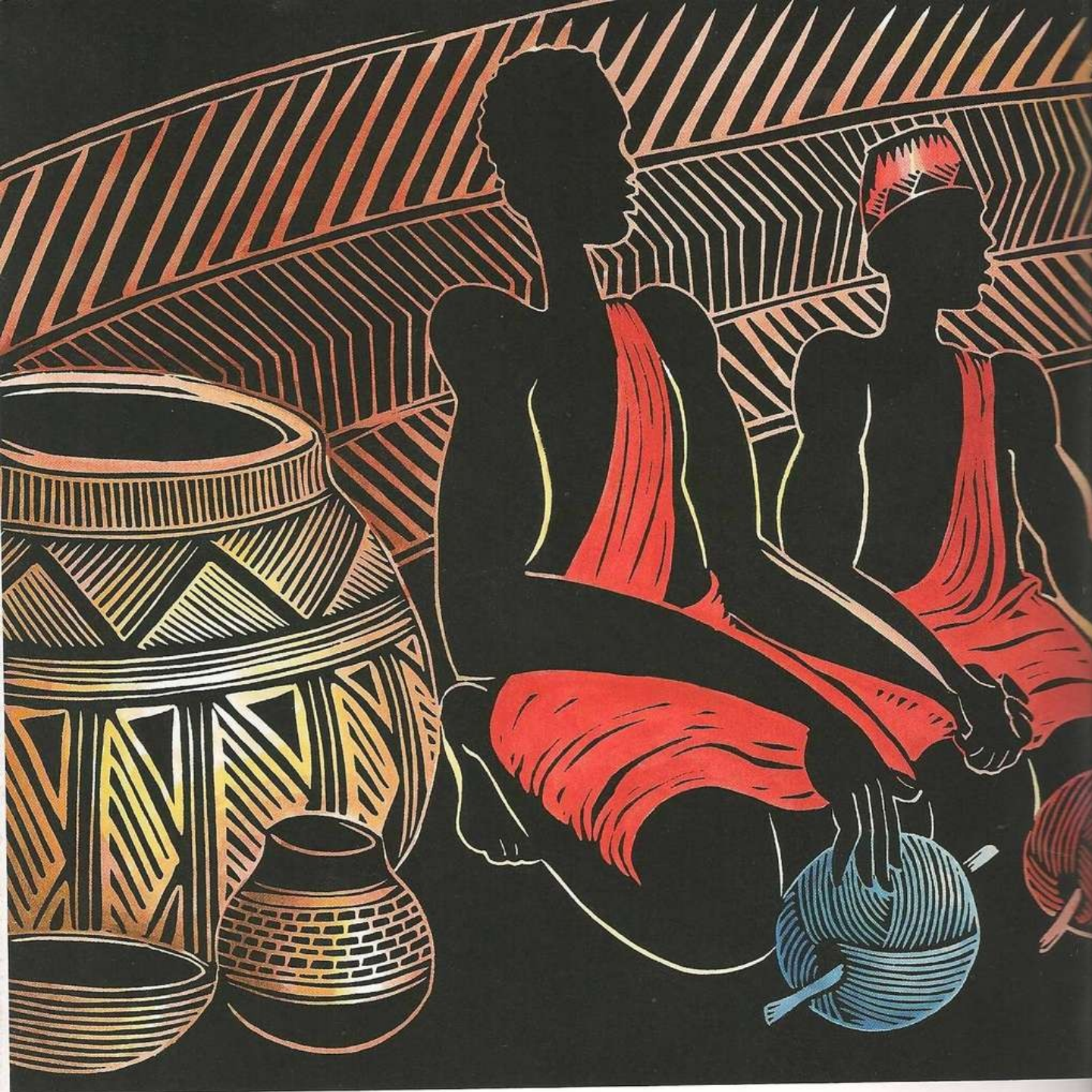
Disse o chefe, de novo:

— De agora em diante, vocês não devem discutir entre si, nem erguer o braço com raiva, um contra o outro. Se o fizerem, a propriedade e todas as posses de seu pai serão igualmente distribuídas entre os aldeões mais pobres. Corram, vocês têm pouco tempo.

Todos se curvaram perante o chefe e saíram depressa.







Quando os sete irmãos axântis chegaram à fazenda, algo incomum aconteceu: eles se sentaram lado a lado, do mais velho ao mais novo, sem dizer nada ríspido.

— Meus irmãos — disse o mais velho depois de um tempo —, vamos nos dar as mãos e selar a paz entre nós.

— Que nunca tenhamos de discutir ou brigar de novo — completou o irmão mais novo.



Deram-se as mãos e as apertaram firmemente.

Pela primeira vez em anos, a paz repousou dentro das paredes daquela casa.

— Queridos irmãos — disse calmamente o terceiro —, nosso pai nunca nos largaria no mundo como mendigos.

— Nunca — concordou o irmão do meio. — Não acredito que nosso pai tivesse nos dado a tarefa de transformar fios em ouro se ela fosse impossível.



— E se pequenos pedaços de ouro estiverem escondidos nesses novelos? — disse o irmão mais velho.

O sol brilhou forte no céu. Feixes dourados de luz invadiram o interior da cabana. Cada irmão levantou seu novelo, fazendo com que as lindas cores brilhassem à luz do sol. Mas não havia nada de ouro nos novelos.

- Receio que não, meu irmão — disse o sexto filho.
— Mas foi uma boa idéia.
— Obrigado — agradeceu o mais velho.







— E se fizermos algo com esses novelos para ganhar um pouco de ouro? — sugeriu o mais novo.

— Talvez possamos fazer tecidos com esses fios e vender — disse o mais velho. — Acho que conseguiremos.

— É um bom plano — ponderou o do meio. — Mas não temos fios suficientes de uma só cor para fazer uma peça inteira de tecido.

— E se trançarmos todos os fios para fazer um tecido multicolorido? — disse o terceiro filho.

— Mas nosso povo não usa roupas com tecidos coloridos — lembrou o quinto. — Só usamos tecidos de uma cor só.

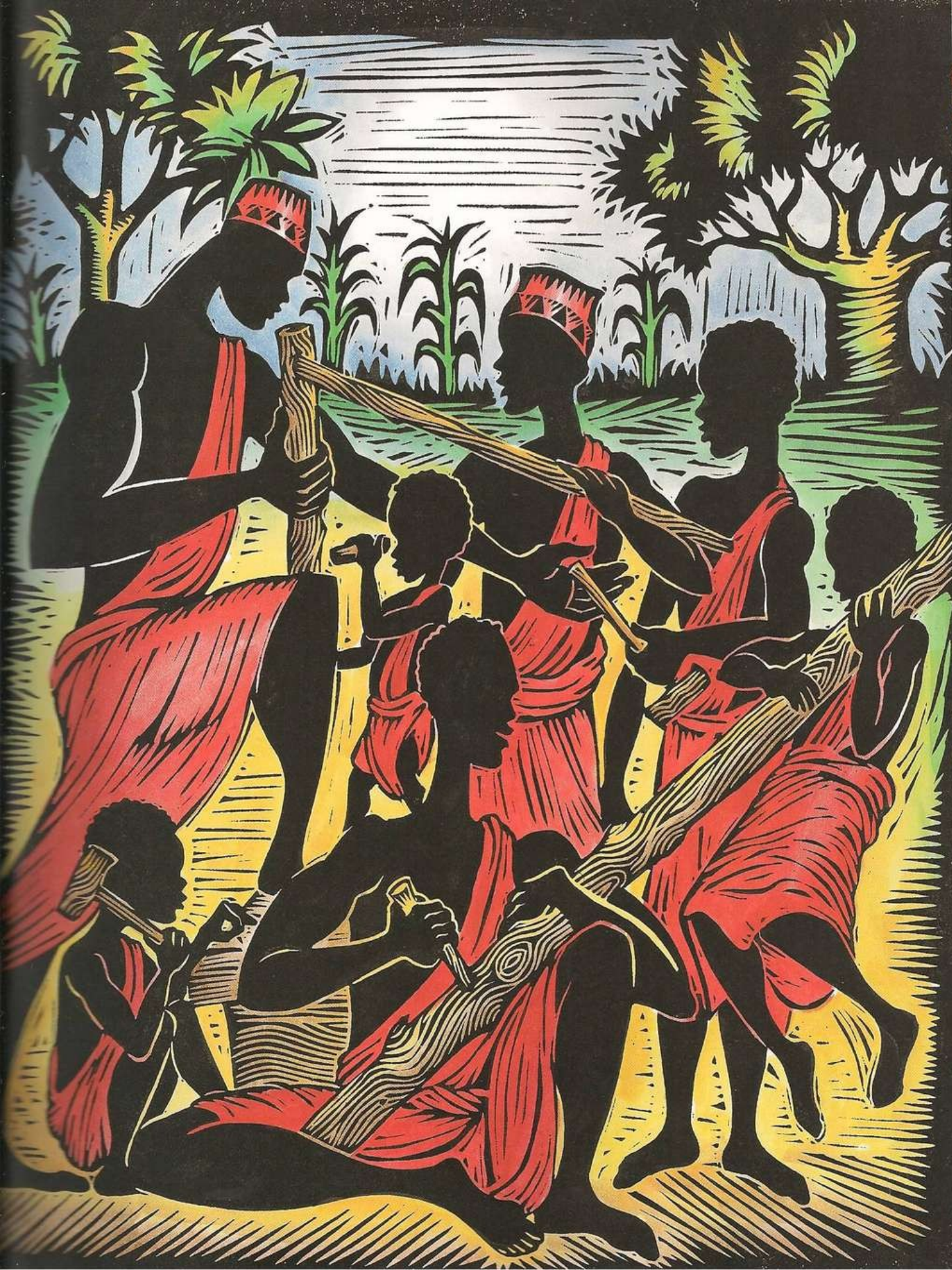
— Mas podemos fazer um tecido tão especial que todos irão querer usar! — refletiu o segundo.

— Meus irmãos — disse o sexto filho —, vamos terminar mais rápido se trabalharmos todos juntos.

— Sei que podemos conseguir — respondeu o filho do meio.

Os sete irmãos axântis lançaram-se ao trabalho. Juntos, cortaram madeira para fazer um tear. Os mais novos seguravam as peças para que os mais velhos montassem o tear.







Eles se revezaram para urdir os fios em tecidos com listras e formas que lembravam asas de pássaros. Usaram todas as cores: azul, vermelho, amarelo, laranja, verde, preto e branco.

Em pouco tempo, os irmãos tinham várias peças de lindos tecidos multicoloridos.







Quando terminaram de urdir os fios, os irmãos se revezaram também para dobrar os tecidos coloridos. Então os guardaram em sete cestas e colocaram as cestas sobre a cabeça.



Formaram uma fila, começando pelo mais velho até o mais novo, e tomaram o caminho da aldeia. O sol vagorosamente trilhou seu percurso dourado sobre o céu, enquanto os irmãos seguiam o mais rápido que podiam pela longa estrada poeirenta.



Assim que chegaram à praça do mercado, os sete axântis gritaram:

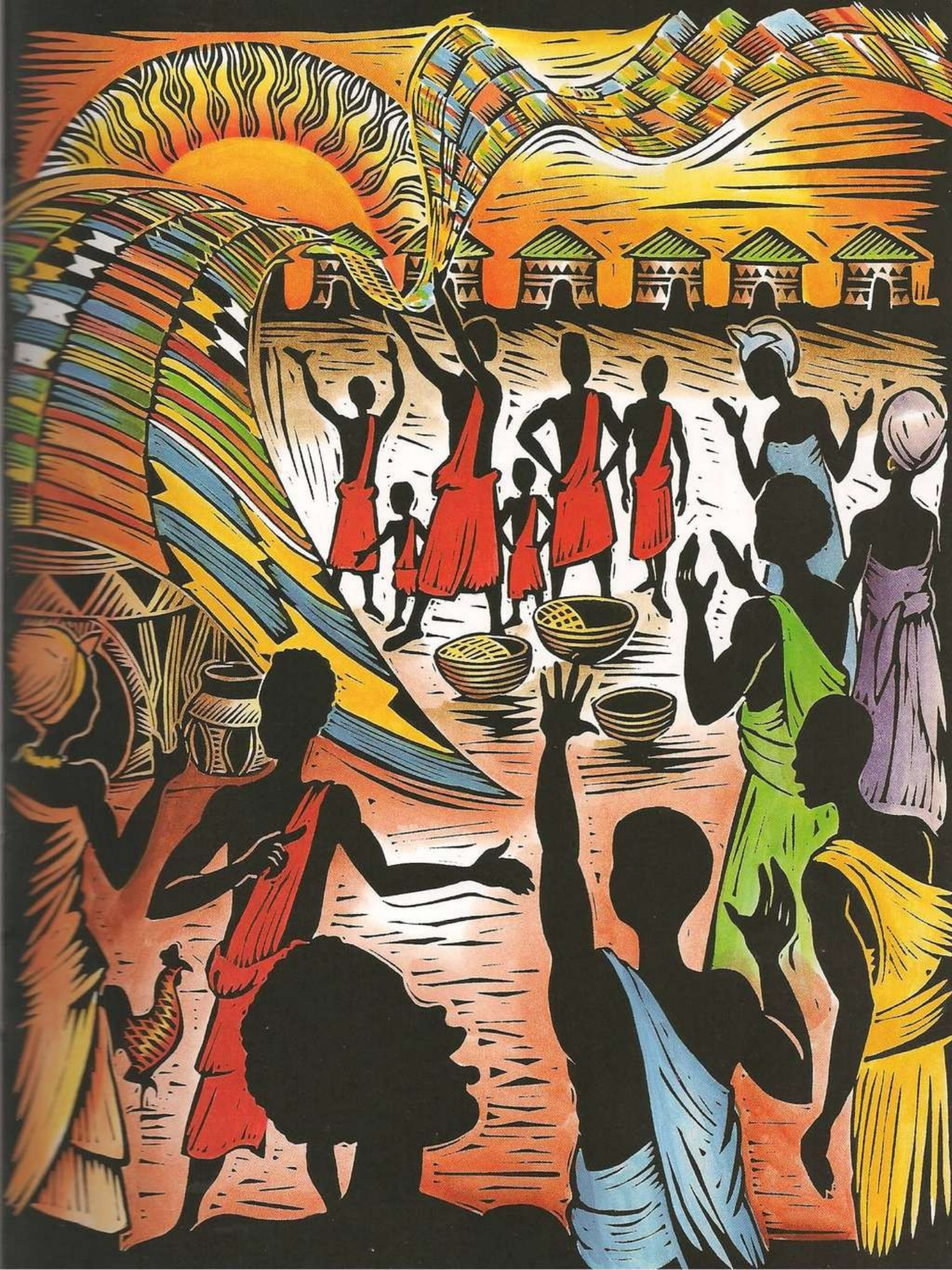
— Venham comprar o tecido mais maravilhoso do mundo! Venham comprar o tecido mais maravilhoso do mundo!

Desdobraram uma peça e ergueram-na, para que todos a pudessem ver. O tecido colorido cintilou como o arco-íris, atraindo uma multidão ao seu redor.

— Oh! — exclamou um aldeão. — Eu nunca vi um tecido tão bonito! Que diferente!

— Ah! — exclamou outro. — Esse é o tecido mais fino da terra! Sinta a textura!







Os irmãos sorriram, orgulhosos. De repente, um homem vestido com uma magnífica túnica abriu caminho pela multidão. Todos recuaram em sinal de respeito, pois era o tesoureiro do rei. Ele esfregou o tecido entre suas mãos e o levantou na direção do sol.

— Quanta beleza! — disse, manuseando o material. — Este tecido será um presente digno para o rei! Quero comprar tudo.

Os sete irmãos cochicharam.

— Um tecido digno de um rei deve ser adquirido por um preço que só um rei pode pagar — disse o mais velho. — O tecido será todo seu por uma sacola de ouro.

— Negócio fechado — disse o tesoureiro, que estendeu sua sacola em direção aos irmãos, derramando várias peças de ouro.







Os sete axântis correram em direção à cabana do chefe. Uma lua brilhante e prateada começava a despontar no céu. Muito ofegantes e pingando de suor, os irmãos se atiraram ao chão diante da cabana.

— Veja, chefe — arfava o mais velho —, transformamos os novelos de fios de seda em ouro!

O chefe saiu da cabana e sentou-se em um banquinho. O irmão mais velho esparramou o ouro pelo chão.

— Vocês brigaram ou discutiram hoje? — perguntou o chefe.

— Não, meu chefe — respondeu o mais novo. — Estivemos tão ocupados, trabalhando juntos, que não tivemos tempo de brigar ou discutir.

— Então vocês aprenderam a lição que seu pai queria ensinar-lhes — disse o chefe. — Tudo que ele possuía agora pertence a vocês.

Os irmãos mais velhos sorriram felizes, mas o caçula parecia triste.

— E quanto às pessoas pobres da aldeia? — perguntou. — Nós recebemos a nossa herança e eles ficaram sem nada. O que eles farão?





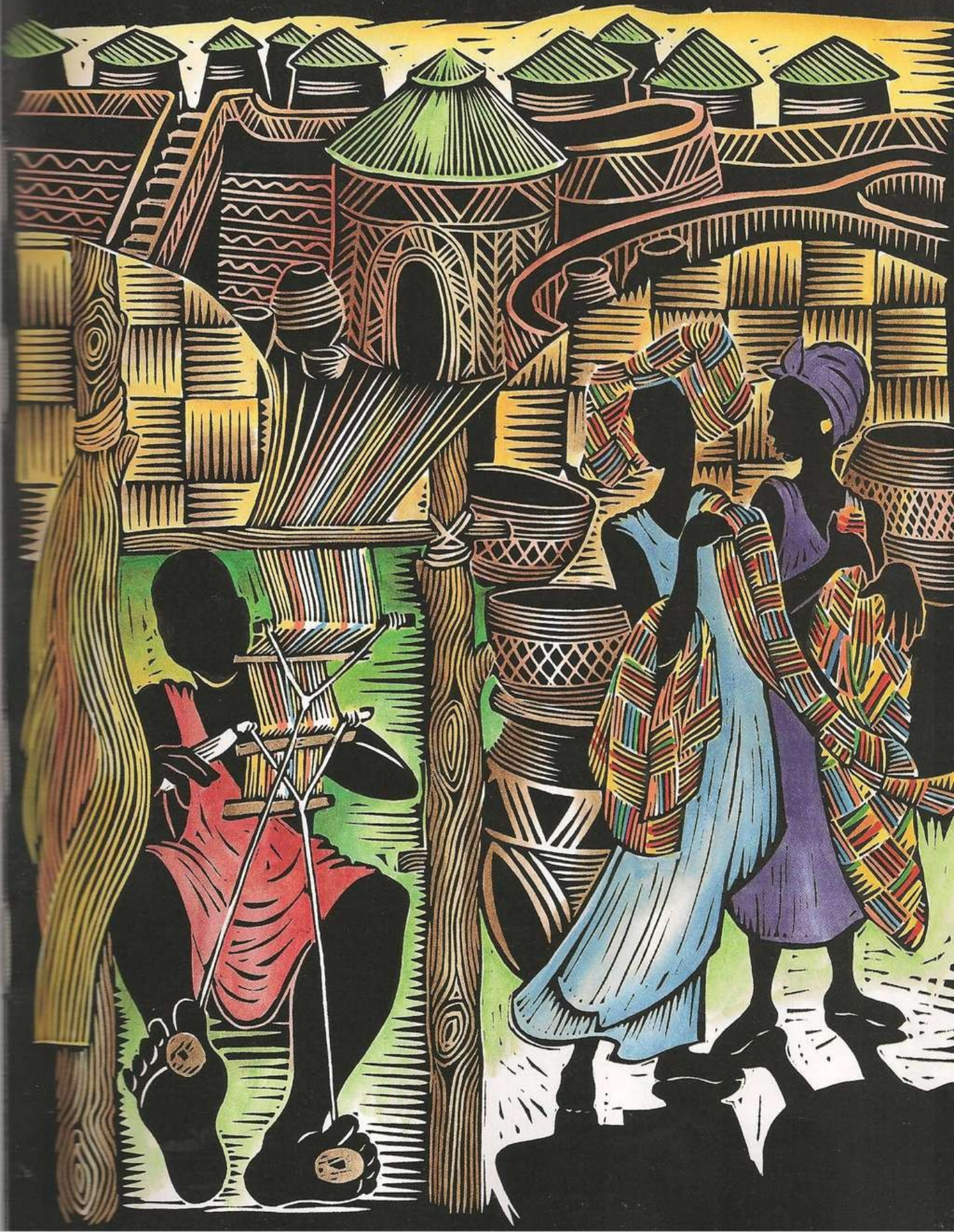


— E se nós os ensinássemos a transformar fios em ouro? — sugeriu o mais velho.

O chefe sorriu: — Vocês aprenderam bem a lição.

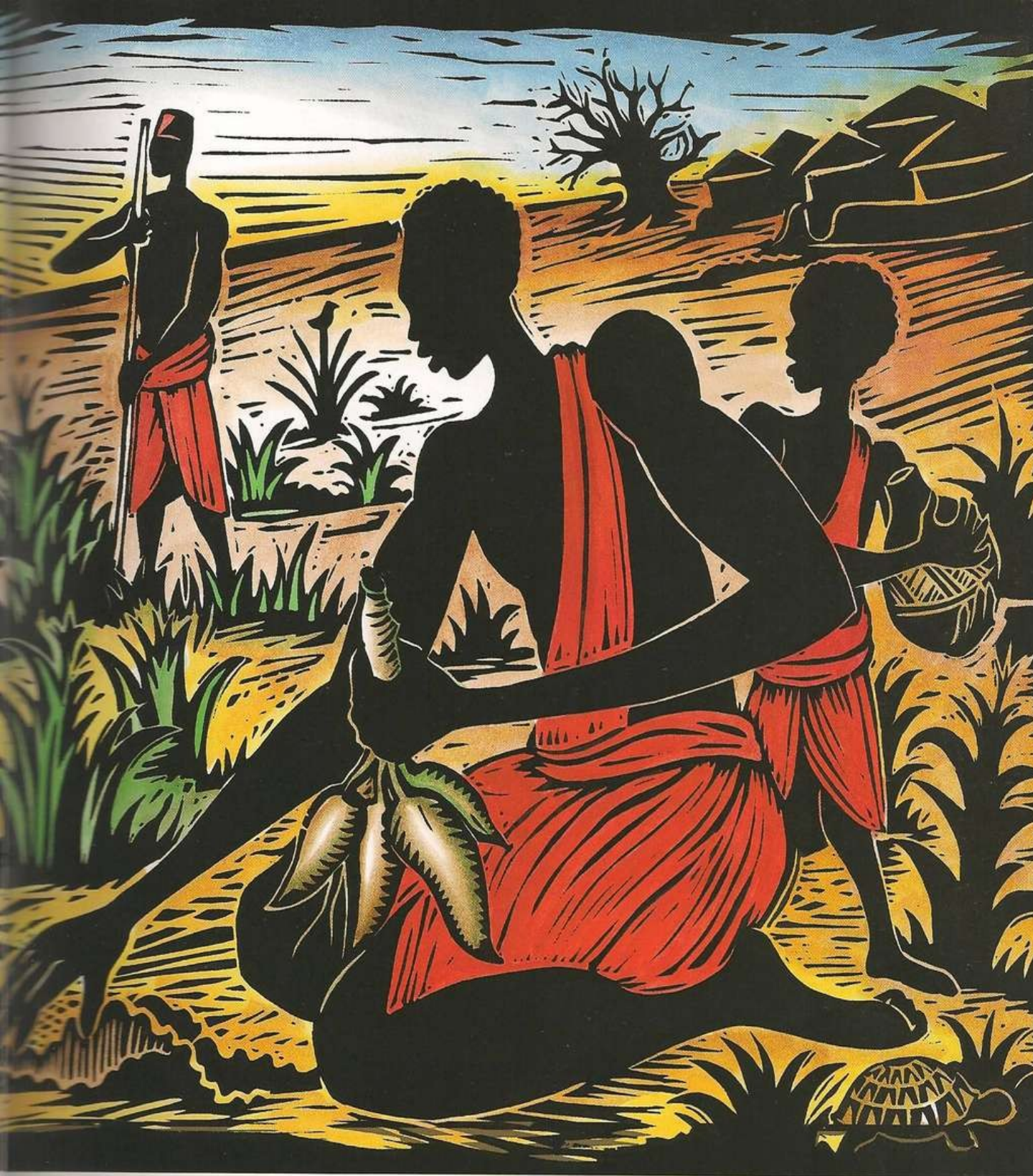
Os sete irmãos axântis ensinaram seu povo com perfeição. A aldeia tornou-se famosa e próspera por seus lindos tecidos multicoloridos.







Daquele dia em diante, os sete irmãos trabalham juntos no cultivo da terra.



E eles trabalham em harmonia, em respeito à memória de seu pai.

TECENDO FIOS NO ESTILO AFRICANO

O povo de Gana, país da África ocidental, é famoso por seus tecidos trançados. Os padrões variam de tribo para tribo. O padrão **kente** é feito de fios de seda de diferentes cores.

Os homens de Gana geralmente usam pequenos teares portáteis, que levam de aldeia em aldeia. Eles trocam as tiras de tecidos, de 10 a 15 centímetros de largura, por alimentos e outras provisões. Pedacos maiores de tecidos geralmente são trançados por mulheres, que costumam ter teares capazes de produzi-los com 40 a 50 centímetros. Depois que os tecidos são trançados, as tiras são costuradas e fazem-se roupas, tapetes ou cobertores.

Que tal construir um tear bem básico trançando uma tira de tecido para ser usada como cinto?

MATERIAL NECESSÁRIO

4 canudos de plástico

1 rolo de barbante

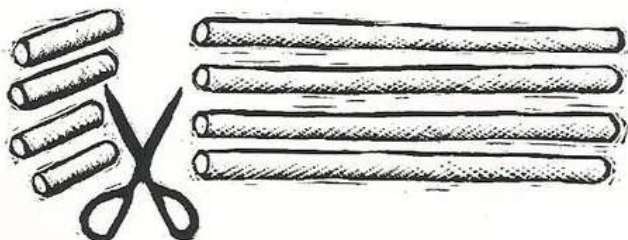
tesoura

TRANÇANDO FIOS PARA FAZER UM CINTO

1. Corte 4 pedaços de barbante, cada um com 2 metros de comprimento.



2. Corte 1,5 centímetro de cada canudo. Guarde essas peças, pois serão usadas depois.



3. Passe o barbante por dentro do canudo. O barbante passará mais facilmente se você aspirá-lo com força na extremidade oposta.



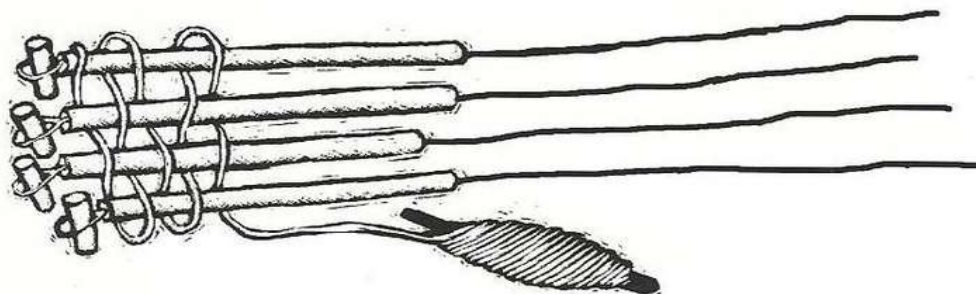
4. Dê uma volta no barbante e torne a passá-lo pelo canudo. Coloque o dedo dentro dessa volta, formando uma laçada. Faça com que as pontas soltas fiquem do mesmo tamanho. A laçada deverá ser da largura de seu dedo.



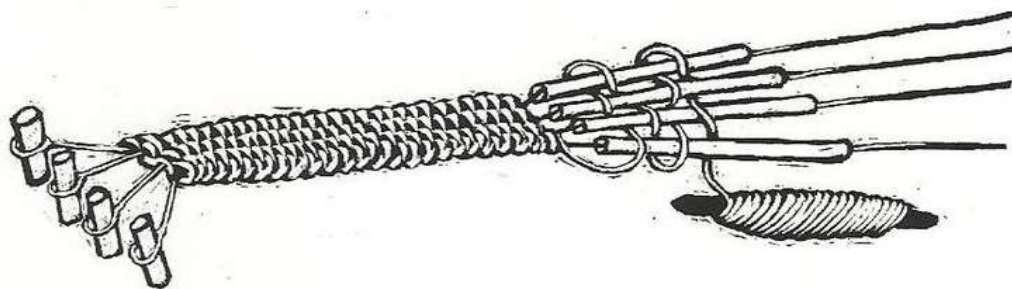
- 5.** Faça um nó frouxo na laçada e coloque o pedacinho de canudo cortado dentro do nó. Sua peça agora terá a forma de um T, para que o barbante não escape ao longo do trabalho. Repita os passos 2, 3, 4 e 5 com os demais canudos.



- 6.** Pegue o rolo de barbante que restou e prenda-o com um nó à laçada do primeiro canudo. Começando da primeira fileira, vá entrelaçando o barbante por cima e por baixo dos canudos, alternadamente. Quando o tecido tiver de 8 a 10 centímetros, puxe-o em direção aos nós iniciais.



- 7.** Continue tecendo até que o cinto tenha o comprimento que você deseja. Então amarre os fios com um nó apertado. Forme uma franja de 20 centímetros com o que resta dos fios da urdidura. Corte todos por igual. Agora, seu cinto está pronto. Você pode usá-lo ou dar de presente para alguém durante o Kwanzaa.



© Cosac Naify, 2005

© Angela Shelf Medearis, 2000

© Daniel Minter, 2000

Autorização da Albert Whitman & Co, Morton Grove, Illinois (USA)

Tradução: André Jenkino do Carmo

Preparação: Miró Editorial

1ª reimpressão, 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Medearis, Angela Shelf

Os sete romances – um conto de Kwazaa: Angela Shelf Medearis

Título original: Seven spools of thread – a Kwazaa story

Tradução: André Jenkino do Carmo

Ilustrações: Daniel Minter

São Paulo: Cosac Naify, 2005

40 p., 16 ilustr.

ISBN 85-7503-392-1

1. Conduta de vida 2. Gana 3. Irmãos 4. Kwazaa
5. Literatura infanto-juvenil 6. Negros – Gana – Ficção –
Literatura infanto-juvenil I. Minter, Daniel. II. Título.

04-8280

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Kwazaa: Feriado cultural: Afro-descendentes: Heranças e tradições:
Costumes: Literatura infanto-juvenil 028.5

COSAC NAIFY

Rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

Tel.: [55 11] 3218-1444

Fax: [55 11] 3257-8164

www.cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor: [55 11] 3823-6595

Numa aldeia africana sete irmãos, que vivem brigando, transformam a vida familiar numa convivência difícil. Então o pai deles morre e deixa um testamento curioso: até o pôr-do-sol daquele dia, os irmãos terão de aprender a fazer ouro com sete novelos de fios coloridos. Se falharem, não receberão a herança e serão expulsos de casa como mendigos.

Usando os Nguzo Saba, os sete princípios do Kwanzaa, Angela Shelf Medearis escreveu uma história inesquecível sobre como os membros de uma família podem unir-se em benefício de toda a comunidade.

As xilogravuras magníficas e inspiradoras de Daniel Minter trazem alegria a esta celebração do Kwanzaa.